

## EDITORIAL

A participação brasileira no cenário científico mundial é contraditória. O Brasil responde por 2,7% da produção científica mundial, destacando-se como o 12º maior produtor de ciência, algo louvável para uma sociedade na qual a pesquisa científica completa pouco mais de 50 anos. No entanto, o país ocupa a 28ª posição no ranking internacional de patentes, detendo apenas 0,1% dos registros de patentes feitos no mundo inteiro.

Talvez isso se deva à concentração da ciência em instituições de ensino. Apenas 2% dos doutores brasileiros trabalham na indústria. A maioria leciona em universidades. Em economias ricas, como Estados Unidos, Japão, Alemanha, entre 70 e 80% dos doutores trabalham em indústrias. No Japão, cerca de 70% do investimento nacional em pesquisa é feito pela iniciativa privada. Nos Estados Unidos, na França e no Reino Unido, esse índice fica em 50%. A Alemanha ocupa posição intermediária, com 60% do investimento nacional em pesquisa provindo de empresas particulares.

Esses contrastes colocam em questão a relação entre pesquisa aplicada e pesquisa básica. Existem defensores da pesquisa dirigida, eles pedem controle maior da pesquisa e foco nos resultados. E naturalmente o contraponto são cientistas focados na ciência pura, despreocupada com o uso imediato das descobertas. Para alívio de ambos os lados, parece que o ideal é conciliar estilos. Em 1976, J. Conroe Jr. publicou na revista Science um levantamento no qual afirmava que, nos últimos 30 anos, ambas as modalidades dividiram meio a meio os avanços científicos mais cruciais da área médica. Algumas áreas, como a pesquisa de instrumentos bélicos, alcançam melhores resultados em pesquisas dirigidas, e certamente podemos imaginar campos que se beneficiam mais da pesquisa básica.

Já faz algum tempo, o Brasil enxerga a pesquisa aplicada como estratégia de desenvolvimento. Isso levou a investir em institutos de pesquisa e tecnologia, bem como expandir a rede federal de educação profissional e tecnológica. Trata-se de modelo compatível com uma sociedade marcada pela presença ostensiva do Estado, mas também nos orienta a aproveitar melhor nossas descobertas científicas, algo que depende de interface entre cientistas e iniciativa privada.

O IFSULDEMINAS publica a Revista Agrogeoambiental, periódico quadrimestral técnico-científico, e assim procura dizer que pesquisa aplicada e pesquisa básica, iniciativa privada e pública, devem conciliar-se na busca de uma sociedade em que as pessoas vivam bem.

Boa leitura!